

POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2

O 1.º CENTENÁRIO DO PROF. DR. TOMAZ CABREIRA

Na galeria onde repousa a memória dos filhos insígnies da cidade, uma ogiva se ilumina. Quer o nosso jornal levante a primeira lucerna, acesa na devoção que o presente faz arder para perpetuar o exemplo dos que souberam impor-se pelo aprumo moral de que usaram e pelo amor que dedicaram à terra onde nasceram.

Em 23 de Janeiro de 1865, faz precisamente um século, numa casa da rua da Galeria, amantelada por velhas muralhas de muitos séculos, o lar do taviense ilustre que foi o general Tomaz António da Guarda Cabreira e de D. Francisca Pereira da Silva aumentava com o nascimento do seu primogénito.

Por trás das cortinas da cidade, os campos enchiam-se dos ramos floridos das amendoeiras, flocos de neve das barbas do avô Inverno, e por trás das cortinas do berço do recém-nascido, olhavam gerações de avós, fidalgos da sua linhagem, todos ilustres pelos serviços prestados à Nação.

É nebulosa e remota a origem da Família Cabreira. De nobre exilado, D. Antão de Córdova, a pátria de Séneca e Lucano, dizem as armas de prata que se encontram com as do não menos nobre genovês Geromín Vizeto, e elementos de nobiliarquía portuguesa, mas não nos cobija, neste momento, deslindar a origem da



família, nem nos deteremos na sua biografia mais que o suficiente para sobre ela traçarmos de leve duas linhas, deixando o trabalho, por fascinante que seja, a pessoas mais autorizadas.

(Continua na 2.ª página)

TAVIRA A REGIÃO MAIS SOALHEIRA DO ALGARVE

Num interessante artigo publicado no jornal «O Século», de 16 do corrente, a propósito da brilhante intervenção na Assembleia Nacional, do nosso ilustre comprouviano e deputado pelo Algarve, sr. coronel Sousa Rosal, referente ao turismo no Algarve, salientou que o Algarve está a ser o fulcro de atração turística, em razão das suas belezas naturais, das suas Praias e do seu clima excepcional.

O Algarve tem turismo de Inverno e de Verão. O número de horas de sol de que o Algarve desfruta, em média anual é superior a 3000, chegando a atingir 3.400 na região de Tavira.

Isto só vem mais uma vez comprovar que Tavira é uma das regiões mais soalheiras da Europa e por isso também uma das mais atraentes à prática do turismo.

UMA CARTA

Ex.º Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Tavira
Tavira

Ao deixar o cargo de Provedor da nossa Misericórdia cumpre-me agradecer a V. Ex.º em meu nome pessoal e no de todos os elementos da Direcção que comigo serviram e orientaram os destinos desta Instituição no decurso de seis anos, as atenções e a elevada colaboração.

(Continua na 2.ª página)

A DESPEDIDA OFICIAL DO COMANDANTE DA 3.ª REGIÃO MILITAR DO C.I.S.M.I.

Revestiram-se do maior brilho as cerimónias de despedida do C.I.S.M.I. do ilustre comandante da 3.ª Região Militar, sr. general Raul Pereira de Castro, pelo motivo da sua nomeação para comandante-general da G.N.R.

Após ter sido recebido pelo comandante do Centro, sr. major Joaquim Francisco Rijo Cardeira da Silva, foram-lhe prestadas as honras militares por uma companhia, recebendo em seguida o ilustre visitante os cumprimentos da oficialidade.

Presente, também, e a apresentar os seus cumprimentos de despedida ao sr. general Pereira de Castro, o vice-presidente da Câmara Municipal

(Continua na 2.ª página)

O CENTENÁRIO DE TOMAZ CABREIRA

Comemorando a data do 1.º centenário do nascimento do Prof. Tomaz Cabreira, sua cunhada, sr.ª D. Gualdina de Lima Cabreira, como representante da ilustre família, mandou ontem celebrar uma missa na Igreja de Santa Maria do Castelo e obteve 500\$000 à Comissão Municipal de Assistência, para os pobres do concelho e 500\$000 para as obras de restauro das igrejas danificadas pelo abalo sísmico.

Ainda no decorrer das comemorações centenárias pensa aquela senhora atribuir um prémio pecuniário ao aluno mais classificado da nossa Escola Técnica, da classe mais adiantada.

TORRES VEDRAS Um atractivo para os Algarvios

Há cerca de três anos que não fomos a Torres Vedras. A nossa vida profissional, que durante mais de um lustre nos fez passar naquela vila duas ou três vezes por mês, têm-se processado nos últimos anos quase exclusivamente ao Sul do Tejo e só motivos gonçalinos, de então para cá, nos têm conduzido às margens do Sizandro; porque, com efeito, apenas as comemorações do Centenário de S. Gonçalo de Lagos ali nos levaram em 1961 e 1962, e foi a organização da Delegação do Grupo de Estudos Gonçalinos que ali de novo nos levou há poucos dias.

Este artigo, porém, não nos é ditado pelo desejo ou intenção de escrever mais uma vez sobre o glorioso Padroeiro de Torres Vedras e de Lagos. O que o inspira é a admiração causada pelo que nos foi dado ver em Torres Vedras durante esta nossa última curta visita; pela admiração que nos causou principalmente, a grande transformação sofrida pela urbe e pela região torreense num bem curto lapso de tempo. Torres é, precisamente e sem dúvida ne-

(Continua na 2.ª página)

TROVA

Mesmo em sonho, a eternidade não passa de coisa vã... Se até a própria saudade nasce hoje, morre amanhã!

Silva Tavares

COOPERATIVA DOS FRUTOS SECOS E O VALOR DA ALFARROBA (1)

SOB este título publicou o «Jornal do Comércio», de Lisboa no dia 11 do corrente, o 1.º artigo a que se seguiu um 2.º que depois reproduziremos, para que os leitores, pertencentes a um dos concelhos que é dos maiores produtores de alfarroba na Província — o primeiro é o de Loulé — ajuizem do problema do valor monetário da alfarroba que, como os alcatruzes das noras, tanto anda para cima como para baixo...

A. de Sousa Pontes

A CONFERÊNCIA DO DR. CARLOS PICOITO EM VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO

Teve lugar, na noite de 16 do corrente, em Vila Real de Santo António, uma conferência proferida pelo nosso prezado amigo e colaborador sr. dr. Carlos Picoito, presidente da Delegação da Aliança Francesa de Faro, e no prosseguimento das actividades culturais da mesma Delegação, na dita Vila.

O tema da conferência foi: «O Homem, a Sociedade e a Associação».

Entre os assistentes, alguns tavienses e a distinta professora dos Cursos da Aliança Francesa, de Tavira e de Vila Real de Santo António.

O conferencista propôs-se versar, como disse, e como versou, o trinómio: — Homem, Sociedade e Associação.

Para tanto e depois de ter homenageado José Manuel Pereira pelo que ele tem escrito e feito a favor da sua terra, remontou às concepções divinas e às dos antropologistas, quanto ao aparecimento do Homem sobre a terra, citando Luis Arnauldich, da Universidade Pontifical de Salamanca e a sua obra «A Origem do Mundo e do Homem», o POLÍGENISMO, e com ele, e a par dele, Domingos Monteiro, Broom, Boulanger, e o prof. Doutor Mendes Correia.

Referiu-se ao antropoide, ao infra-homem e ao Homem, como tal considerado. E enfrentando, a seguir, o segundo termo do trinómio:

(Continua na 3.ª página)

Amendoieiras em flor

O Algarve começa a vestir-se de branco e rosa com a floração das amendoieiras que entra na sua fase inicial.

Aqui e além já vão surgindo as manchas coloridas dessa maravilhosa neve, que nestes dias de Janeiro, de temperatura amena, cobre a nossa província de lés a lés.

Aproxima-se o fim de Janeiro e o Algarve está em festa, a colorida festa das amendoieiras.



Devemos recordar que o seu autor, licenciado em ciências económicas e financeiras, esteve em Agosto de 1963 na Câmara Municipal desta cidade, a convite do sr. dr. Jorge Correia e do falecido colaborador deste jornal, tenente-coronel João Carlos Guimarães, tendo nessa altura advogado a ideia da criação da Cooperativa de Frutos Secos, de cujo projecto de estatutos entregou alguns exemplares aos assistentes. Chegou mesmo a propor-se, nessa reunião que os sócios da Cooperativa entrariam com 1\$000 por cada árvore que possuíssem, o que, se se generalizasse a todos os proprietários algarvios de frutos secos, produziria cerca de 8 400 contos de capital para a Cooperativa.

Infelizmente as ideias de Cooperação entre nós não vingam com a facilidade que seria para desejar e que nalguns sectores, como o do vinho, têm dado excelentes resultados. Veja-se por exemplo a Adega

(Continua na 3.ª página)

Uma agradável surpresa

A Lenda do Gilão

Apesar de não fazermos parte do número de pessoas felizes, cuja vida permite escutar com agrado alguns programas de rádio; todavia, há dias, por mero acaso, à hora do almoço, enquanto engoliámos apressadamente a sopa, ao abrir o receptor fomos surpreendidos por uma agradável surpresa, a locutora anunciara que a orquestra ligeira da Emissora Nacional ia executar a Lenda do Gilão.

E reflectimos no progresso da ciência que naquele momento nos dava o prazer espiritual de relembrar dois velhos amigos e companheiros no Liceu, o Tavares Belo, músico distinto, director da orquestra da Emissora Nacional e o Anibal Guerreiro, esse inspirado artista e espirito empreendedor, dois nomes que todo o Algarve conhece.

E ouvi deliciado essa interessante partitura, sobre Tavira, com que Anibal Guerreiro, ainda jovem obteve o 1.º prémio nos Jogos Florais realizados no Teatro António Pinheiro e promovidos pela Sociedade Orfeónica, se a memória não nos falha.

Francamente vibrámos de emoção ao ouvi-la, não só porque é linda como também por ser dedicada à nossa terra e nela intervierem dois artistas farenenses da nossa geração a quem, gostosamente, endereçamos os nossos mais afectuosos abraços.

Colónias de Férias da F.N.A.T.

Estão abertas inscrições até ao dia 15 de Fevereiro para a frequência das Colónias de Férias durante a quadra do Carnaval — 27 de Fevereiro a 2 de Março do corrente ano — na sede da F.N.A.T. — Calçada de Santana, 120 — Lisboa.

Prof. Dr. Tomaz Cabreira

(Continuação da 1.ª página)

A infância não tem história e ao nosso homenageado não queremos assacar virtudes de prodígio mas dar-lhe a grandeza que realmente teve, como Português que soube ser, à altura de elevar a sua terra à consideração de estranhos.

Herdeiro dos títulos e tradições paternas (conde de Lagos, visconde de Vale da Mata, senhor dos morgados do Patariño e Corte, condecorado por notáveis feitos militares) só deles se recordou para medir as responsabilidades do nome que usava.

Estudou, apaixonou-se pela ciência e, embora tivesse como obrigação a carreira militar, onde, aos 53 anos, se encontrava no posto de coronel, dedicou apaixonadamente a sua vida às questões sociais e ao ensino.

Nesta nota de abertura desejamos lembrar a feição liberal e democrática do seu credo político, não confinada em ideologia de desordem, sem comando, mas como percursor de ordem estabelecida em referência a um sistema social onde governassem aqueles a quem a consciência de carácter e a preparação científica tornasse aptos para o ofício do mando, em substituição do velho político por amadorismo, tão sóido no tempo, usando de todos os truques que lhe pudessem levar e manter na mão a soga dos poderes públicos.

Estadista esclarecido, desempenhou com raro brilho o mandato de Ministro das Finanças, preconizando reformas que só muitos anos mais tarde viriam a ser aceites.

Cedo resignou o encargo, sem se desinteressar do combate em prol duma administração tendente a livrar o País do estado em que se encontrava, por falta de senso económico e tacto governativo, no entrecocar das vagas da discórdia interna e externa, que não podia deixar de sofrer na ressaca em que se debatia a Europa de então.

Acima dos seus trabalhos políticos, de que a época não soube tirar proveito, ficou a sua acção como professor, notável pelo cabedal de conhecimentos sólidos de que dispunha e pela amabilidade de trato que fez de dezoito gerações de estudantes outras tantas gerações de admiradores e amigos.

Devem-se-lhe formas novas de ensino, tendentes a difundir a cultura proporcionada aos ricos, entre aqueles que dispõem de menos meios e tempo.

Jornalista, publicista de génio, colaborava de boa mente em dezenas de jornais e revistas, não por ostentar dotes literários, que tinha, mas pelo desejo de esclarecer e propagar ideias que o merecessem, dando aos assuntos financeiros e sociais da sua particular competência, como às ciências pedagógicas, nova seiva e novos ideais e mostrando, ao mesmo tempo, as preclaras qualidades de carácter de que era dotado.

Depois da política social e da ciência, o seu especial interesse foi para os pobres, as crianças e as flores.

Para as crianças, quando podia tê-las junto de si, improvisava contos maravilhosos que as encantavam.

Para as flores, tinha sempre lugar reservado nos seus aposentos, na própria botoceira, onde habitualmente colocava uma camélia.

Mas um dia, em busca de repouso, foi à Praia da Rocha do seu lindo Algarve gozar umas férias. Sentiu-se indisposto e acolheu-se a Tavira a «casa do primo Vizeto» (uma casa de que tanto gostava e sempre desejara adquirir). Foi coisa de pouca dura. Em 4 de Dezembro de 1918, com 54 anos incompletos, fechava para sempre os olhos àquele céu que dizia ser o mais azul, e àquele

sol que dizia ter mais ouro.

No centenário do seu nascimento, ao lançarmos a primeira pedra das comemorações a que tem jus, não queremos alongar-nos mais que a frisar o júbilo com que a cidade recorda ter sido o berço de tão ilustre filho que sempre a colocou no altar-mór da sua devoção: «terra que não tem similar em nenhum recanto do Globo», apreciação dum poliglota, a quem eram familiares os recantos da Europa mais dotados de condições para satisfazer a fome de beleza e de bem que existe nas almas superiores.

Comandante da 3.ª Região Militar

(Continuação da 1.ª página)

de Tavira, em representação do seu presidente.

O Batalhão de Instrução do C.O.M./C.S.M., sob o comando do sr. major Carlos Alberto da Silva Pereira J.º, director de Instrução, encontrava-se formado na parada do quartel. Após ter sido passada revista, o Batalhão de Instrução, garbosa e impecavelmente, desfilou em continência, perante o comandante da 3.ª Região Militar.

Após o desfile, o sr. general Pereira de Castro reuniu na Biblioteca da Unidade os oficiais que prestam serviço no Centro e, posteriormente, os sargentos, a fim de, pessoalmente apresentar as suas despedidas.

Finalmente, na messe de oficiais, durante o almoço de despedida, foi oferecido ao comandante da 3.ª Região Militar, por uma representação dos instrutores do C.O.M./C.S.M. um pergaminho com o Brasão da Unidade onde se testemunhava o muito apreço e gratidão àquele Chefe Militar pela maneira solícita como sempre tratou todos os assuntos relacionados com o C.I.S.M.I., nomeadamente, os de apoio à Instrução.

Mais uma vez o nosso C.I.S.M.I., esteve à altura das suas ancestrais tradições de bem receber, como o provou, recebendo festivamente o sr. general Pereira de Castro, que também mostrou sempre ser um admirador da cidade de Tavira.

Fazemos votos pelas suas prosperidades no desempenho das suas novas e elevadas funções.

Uma Carta

(Continuação da 1.ª página)

ração que a Câmara Municipal, da mui digna Presidência de V. Ex.ª, se dignou dispensar-nos e a generosa protecção patenteada em todos os momentos difíceis da nossa actividade.

Igualmente desejo testemunhar publicamente a V. Ex.ª o alto patrocínio que a Câmara Municipal teve a gentileza de prestar às Festas da Misericórdia — sem o qual teria sido impossível a sua realização.

Reiterando o meu profundo reconhecimento e rogando se digna a contar com a minha mais franca e leal colaboração, apresento a V. Ex.ª respeitosos cumprimentos,

A Bem da Nação

a) José Emídio Fernandes Soeiro

O VOO DAS AVES

O sr. Nunes Ventura Manita da Cruz, estudante, no passado domingo, quando andava à caça, na sua propriedade na Luz de Tavira, abateu uma ave, que denomina «Narceja» e que era portadora de uma anilha com as seguintes indicações: (3116431-RIKSMUSEUM) — STOCKHOLM, que entregou na nossa Redacção.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Fernanda Peres Jara, D. Celeste Martins Viegas Cesário, meninas Maria João Soares Lobato Centeno, Maria Ondina Lopes Rodrigues, Maria de Fátima Almeida Conceição, Maria Eugénia Miguel Picoito e os srs. Dr. António José Costa Pires, Augusto Pereira Neto, Francisca da Fonseca Franco e Custódio Gaspar.

Em 25 — D. Maria Inês Francisca dos Santos, menina Maria Helena Mendonça do Carmo e o sr. Manuel da Silva Lopes.

Em 26 — D. Fausta Padinha Diniz Ferro, menina Cidalina Maria Duarte de Matos e o sr. Manuel Policarpo da Cruz.

Em 27 — D. Maria de Lourdes Abolm Ascensão Contreira Lopes, D. Isaura Domingues, D. Maria Silva Leiria, D. Suzete Crisóstomo dos Santos, D. Maria Fernanda do Nascimento e os srs. José Crisóstomo Leiria, João Valério Crisóstomo Bandeira Carvalho e José Dácio Correia de Matos.

Em 28 — Menina Inês de Fátima Peres Mascarenhas, menino Valério Cavaco Montinho e os srs. Manuel Joaquim Vaz e João Pedro Maldonado Junior.

Em 29 — Meninas Maria Ofélia da Costa Oliveira Bomba, Maria Helena Romeira Guerreiro, D. Natércia Regato Temudo, menino Joaquim António Viegas Trindade, José Carlos Bento Pereira Dias e os srs. Manuel Francisco de Brito e Patrocínio da Encarnação Revez.

Em 30 — D. Susana Germaine Arnaut Pombreiro, D. Maria Judite Palmeira Neto Lopes, D. Maria José Pires Faisca e os srs. Dr. Renato Mausinho da Graça, Julio Martinho da Piedade Mendes e Rogério Fernandes Teixeira.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade durante uns dias, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo, residente na capital.

Há dias tivemos o prazer de abraçar nesta cidade, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Capitão José Inácio da Conceição, que se encontra em restabelecimento e que nos informou também das melhoras da sua esposa, que continua na capital.

Os Aniseiros do Rei vão reunir-se em Lisboa

«Os Aniseiros do Rei» veem, de novo, a Lisboa mas, desta vez, para uma reunião magna da maior importância em favor da Confraria — uma antiga comunidade que data de 1260, registada em Chatelet por Etienne Boileau, então preoste de Paris e que tinha por objectivo agrupar as pessoas que faziam comércio e pisavam os grãos de aniz por conta dos boticários.

Esta Confraria que mereceu o privilégio real do fabuloso rei Luís, está ligada a numerosas individualidades nos meios científicos, literários, da grande indústria e da gastronomia.

Segundo a «Chronique des Anyssetiers du Roy», boletim do Grande Conselho da Ordem Ilustríssima, foi eleito o Grande Mestre mundial Louis Deltheil-Cruzeau, licenciado em Estudos Superiores de Sociologia, licenciado em Direito, advogado pelo Tribunal de Paris de 1924 a 1940 e a partir de 1927 tornou-se jornalista profissional.

São individualidades desta importância que constituem esta Confraria com membros espalhados por todo o mundo e que virá ao nosso País para mais um grande capítulo na história dos «Aniseiros do Rei».

TOTOBOLA

21.ª jornada 31/1/965

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- | | | |
|----|------------------------|---|
| 1 | Torriense - Académic. | x |
| 2 | Leixões - Belenenses. | x |
| 3 | Sporting - Benfica. | x |
| 4 | Lusitano - Porto. | 1 |
| 5 | Gulmarães - Varzim. | 1 |
| 6 | Seixal - Setúbal. | 2 |
| 7 | Oliveirense - Sanjoan. | x |
| 8 | Feirense - Leça. | 1 |
| 9 | Oriental - Portimone. | 1 |
| 10 | Farense - Alhandra. | x |
| 11 | Almada - C. Pledade. | x |
| 12 | Atlético - Olhanense. | 1 |
| 13 | Leões - Sintrense. | 1 |

Jorge Cruz

TORRES VEDRAS - Um atractivo para os algarvios

(Continuação da 1.ª página)

nhuma, uma das mais progressivas terras de Portugal, sob todos os aspectos: o industrial, o comercial, o urbanístico e também o turístico.

Centro de uma região agrícola tradicionalmente rica, sobretudo no sector da viticultura, não se confinou nos tempos modernos ao usufruto dessa riqueza ou mesmo na tentativa do seu aumento; as indústrias subsidiárias e complementares daquela actividade agrícola instalaram-se ali por iniciativa dos próprios torresenses e desenvolveram-se ao ponto de transformarem a antiga e histórica vila agrícola num grande centro industrial. A vinicultura tem ali, hoje, um dos seus grandes empórios nacionais; mas, a produção de máquinas agrícolas e industriais tem ali, igualmente, um dos seus grandes centros. A já famosa Casa Hipólito, por exemplo, sendo uma das unidades fabris mais importantes do nosso país, é hoje em dia um símbolo do progresso torresense e quase como que um segundo braço de Torres Vedras.

Mercê, certamente, do aumento de riqueza que o grande desenvolvimento industrial lhe proporcionou, Torres alargou-se imenso — bairros novos surgem por todos os lados, num formidável surto de construção civil, e o antigo sítio da Gafaria, subúrbio da vila medieval, é já o centro geométrico e também o centro cívico da vila moderna — e sobretudo alindou-se muito. A Praça do Império, por exemplo, com o seu jardim de estilo moderno, o seu lago meio romântico e o seu obelisco clássico, este em honra das tropas anglo-lusas, vitoriosas nas célebres linhas de Torres, é bem o símbolo eloquente desse alindamento e da transformação urbanística da vila torresense.

Mas, Torres alindou-se não apenas para si própria não apenas para delícia, encanto e orgulho dos seus filhos, e sim também para os turistas. Porque aquela vila meteu-se decididamente no movimento de valorização e desenvolvimento turístico do nosso país, para o que não faltavam condições e excepcionais na região de que é centro e cabeça, e bastava aproveitá-las convenientemente, apertrechar a região com os meios indispensáveis de alojamento, pôr bem em evidência, nos roteiros, uma coisa e outra.

Praias de encanto, como a de Santa Cruz, que lembra muito a nossa Rocha, e a minatural Arca Branca, ombreiam na bela região torresense com termas magníficas, como os Cucos e o Vimeiro. Há pouco mais de três anos, umas eram praticamente conhecidas apenas dos naturais da região e daquele meio cento de forasteiros que as frequentavam na época estival, por um dia casualmente as terem encontrado e logo amado; outras vegetavam à sombra do renome que haviam usufruído em épocas distantes, esquecidas depois por uns, e ignoradas por quase todos, sem quaisquer atractivos que retivessem ou fizessem voltar aqueles poucos que casualmente por lá passassem. Pois hoje todos vivem uma vida intensa de centros turísticos de primeira ordem, até mesmo em pleno inverno, com belos estabelecimentos hoteleiros, parques magníficos, atracções de várias espécies primorosamente organizadas.

Uma rápida passagem na região deixou-nos deslumbrados — o que tudo aquilo progrediu, Santo Deus! — e a pensar no poder do espírito de iniciativa bem orientado e na força que representa a vontade dos homens, quando eles querem realmente pôr-se ao serviço do desenvolvimento e pro-

gresso de uma região inteira, sem pensarem apenas nos seus interesses individuais.

Os algarvios — que, segundo dizem velhas crónicas, muito frequentaram aquela região nos tempos medievais, levados principalmente pelas grandes peregrinações ao túmulo de S. Gonçalo de Lagos — praticamente desconhecem hoje Torres Vedras e as belezas e encantos do seu termo. Viajeiro, por natureza — todo o algarvio é um viajante nato, e só a falta de meios o poderá impedir de satisfazer essa sua inclinação natural — os nossos comprouvianos preferem as terras espanholas de Andaluzia e Castela a velha ou o cosmopolitismo um tanto artificial dos Estoris; e os que satisfazem a sua inclinação viajeira para satisfazerem ao mesmo tempo o seu fervor religioso, vão até Lourdes, até Roma ou pelo menos até Fátima, ignorando ou esquecendo tudo o mais que por esse Portugal fora existe capaz de encher os olhos de beleza, de proporcionar repouso ou divertimentos ou de permitir e estimular que se louve a Deus e até Ele se elevem os corações em prece.

Pois a todos os algarvios recomendamos esta magnífica e encantadora região de Torres Vedras, que desconhecem ou ignoram. Vão lá de propósito ou no seguimento de outras digressões turísticas ou religiosas; vão lá, pelo menos, quando forem aos Estoris — o que são mais oitenta quilómetros de automóvel!... — ou quando forem a Fátima, em cujo caminho fica Torres. Os que fizeram apenas turismo não darão por mal empregado o tempo assim dispendido, podem crer, pois ali encontrarão tudo o que procuram; e os que se deslocarem apenas por devoção religiosa, também não darão o tempo por perdido, pois terão assim oportunidade de ajoelharem e rezarem ante o túmulo de um grande Santo, do maior Santo algarvio, como o fizeram, aos milhares, os nossos comprouvianos de outras eras!

Os católicos tavirenses, aliás sabem bem que é assim, pois quando o rev.º padre António Patrício os levava em peregrinação a Fátima, fazia sempre caminho por Torres Vedras, para que não deixassem de conhecer a bela região onde desabrocharam as excelsas virtudes de um grande algarvio de tempos idos, e nessa mesma região agradecessem a Deus a honra que concedeu ao Algarve por dele ter feito um dos seus santos.

ATENÇÃO

Ver para Crer

Para todos os seus Ex.ªs

Clientes e Revendedores a

COMPETIDORA

DE José Augusto Neves

tem à disposição grande existência de lanifícios, pretos, azuis e cores, adquiridos ultimamente nas melhores condições. Os preços beneficiam de 40 a 50% do justo valor da mercadoria. Compre na

COMPETIDORA

Praça da República, 16 - Telef. 149

TAVIRA

VENDE-SE

Uma horta no sítio de Amaro Gonçalves.

Tratar com Maria Alice Sousa Rodrigues, Rua Miguel B. mbarda, 58 — Tavira.

LAGOS *Retratada...*

Que quer dizer Fulame?

(Ao meu illustre conterrâneo, sr. tenente Bento Formozinho, individualidade das mais cultas, vernaculistas, da minha miúda terra).

Já lá vão decorrendo cerca de 13 anos que, eu, certo dia, encontrando-me a braços com a casmurrice, dirigi uma carta ao insigne professor Dr. Vasco Botelho do Amaral — eminente literato e filólogo, pelo qual tenho profunda e sincera admiração — perguntando-lhe pelo verdadeiro e total significado da palavra *fulame*, pois, que, em nenhuma das obras dos muitos filólogos «basculhados», encontrei a devida clareza!

O nosso illustre Professor foi de uma delicadeza admirável, gentil: respondeu-me por intermédio do Rádio Clube Português e, também com uma carta amiga.

Todavia, a sua brilhante lição de Homem de Letras, muito embora me sensibilizasse imenso, não satisfizesse cabalmente o meu grande desejo de saber, a minha natural curiosidade, em relação àquela malfadada palavra. Recordo-me que *fulame* deriva da língua dos fulas de África; cada uma das cavidades bucaes, onde se acumula a comida, quando se mastiga; grande quantidade de coisas; preparação do feltro para chapéus; aparelho para calandrar panos, (do lat. fullo); nome que na Índia Portuguesa, se dá à «argêlica branca» e a outras plantas; que significa flor; que deriva do francês, do inglês e que quer dizer abundância.

Enfim, um amontoado de coisas esquisitas que eu, aliás, já tinha localizado nos meus alfarrábios, sem ligação alguma com o *fulame* narrado por Fernão Lopes e o das «Ordenações Afonsinas».

Não me admira a douta lição do bondoso Mestre não satisfazer a minha curiosidade, porque todos os numerosos filologistas que me foi dado consultar, também não me satisfizeram.

Morais, Agostinho de Mendonça, Adolfo Coelho, Bernarde de Lima, Joaq. da Costa e Sá, Antenor Nascete, Solano Constâncio, Cândido de Figueiredo, Caldas, Santos Valente, Cortezão, José Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, José Joaq. Nunes, D. Carolina Michalits, etc... Uns, desconheciam a palavra, outros perderam-na e ainda outros, não passaram de «abundância», do inglês «full» e do «montão» francês «foule» e muita trapalhada, sem pés nem cabeça! Enfim, um grande sarilho. Na Crônica do Senhor Rei D. Fernando, nono Rei de Portugal, de Fernão Lopes (in Coleção de Livros inéditos de História Portuguesa, tomo IV), reza o seguinte: «...alordou... mais que nom dessem dizima de ferro, nem de fullame, nem doutras cousas que de fora do reino houvessem para elas» (cap. 90).

Esta ordem trata-se pois, de uma isenção de direitos com que aquele rei incltava a construção de naus de «cem tonees acima».

No capítulo seguinte volta o nosso cronista a afirmar: «É porque alguns mestres e senhores dos navios so esperança que lhe aviam de seer apagados ainda que se perdessem, nom curariam de os fornecer damoras e caabres, e outros fullames, e iso meesmo darmas e gentes, e doutras cousas que pertecem para defensão do mar e dos emtigos...»

Nestes textos podemos notar, no primeiro, ferro e fullame; no segundo, âncoras e calabres e outros fullames.

Agora, voltemo-nos para as «Ordenações Afonsinas». No Livro I, tit. 27, § 12, lemos:

«Saberam se ha hi armas de corpos d'homees ou troços ou enghinhos, e fullames delas, e fação-nos corregger e guardar e poer em boa recadação sobre o Procurador...»

Nos Mss 4-A e 9-A da Livraria da Torre do Tombo, a fls. 40 e 60, lá encontramos «fullames».

Mas, o que querará esta palavra dizer?

Certo dia, encontrando-me na ilha do Porto Santo, em missão oficial, na minha qualidade de radiotelegrafista e observador meteorológico, ao serviço da Fotogrametria, a fim de informar a Aviação Naval, que colaborava na científica realização da respectiva «Carta Topográfica» daquela ilha (e não posso esquecer que, quando eu transmitia pela rádio boas informações atmosféricas, o avião não comparecia; porém, quando dava informações de céu molhado e mar agitado, o avião tentava levantar voo no mar da Madeira e era destruído inutilmente. Assim se destruíram à Nação três aviões durante a minha permanência naquela ilha) vejo ao longe a aproximação da linda baía (semelhante à nossa baía de Lagos), a silhueta majestosa do navio Escola «Infante de Sagres», onde fundeou pouco depois. Fui visitá-la, cheio de saudades dos continentais e dos meus

companheiros de armas. O navio era então comandado superiormente pelo saudoso grande comandante Cisneiros do Faria. Já nos conhecíamos. Falei-lhe no magno assunto: o que v' nha a ser fulame, na nossa Armada.

Seguia rumo ao Brasil; durante a viagem, consultaria os seus velhos e sábios alfarrábios. Talvez encontrasse alguma luz nos nautros antigos. Então me diria...

Voltou. Com desgosto meu, e de todos aqueles que o conheceram de perto e veneravam o seu fino trato, o seu grande saber e a sua honradez, aquele grande marinheiro passou, assim que chegou a Lisboa, à reserva. Foi a sua deradeira e bem triste viagem!

Pouco tempo depois, o seu falecimento foi anunciado. Morreu, talvez, cheio de saudades do seu navio (a antiga «Barca Flores», aprisionada aos alemães, na Grande-Guerra, que ele tão sábiamente armou e comandou, durante muitos anos, instruindo tantos e valorosos marinheiros!

Sim: o comandante Cisneiros do Faria morreu de saudade do «seu» navio, do mar e dos seus marinheiros!

A Armada e o País perdiam assim um dos seus maiores valores.

O que querará dizer então esse «fulame» das «Ordenações Afonsinas»?

Será um termo náutico análogo aos: cordoame, maçame e velame? Não há dúvida que deve tratar-se de material relativo à artilharia naval. Mas o que será?

Da brilhante lição do Professor Botelho do Amaral e da minha declarada teimosia, se aproveitou determinado filologista moderno, escarrapachando, sem mais aquelas, para o seu «Novo Dicionário da Língua Portuguesa» algumas das suas suposições! Tais suposições, afinal, só ridicularizaram aquele pobre de espírito, que as chamou à sua suja «gamela».

Haverá por aí algum estudante inteligente, que seja capaz de definir semelhante charada, satisfazendo o espírito inculto e analfabeto, do... Manuel Geraldo?

A Conferência do Dr. Carlos Picoito

(Continuação da 1.ª página)

mio» proposto, referiu o estado social da era paleolítica, e com ele, a família de então, o aperfeiçoamento da civilização, as duas formas de solidariedade, por semelhança e por divisão do trabalho, para concluir que o Homem tem, necessariamente, de viver em sociedade.

Sallentou, ainda sobre o conceito de Sociedade, Tonnes que a desdobra, segundo disse, em comunidade e associação, apontando as diferenças entre uma e outra dessas duas formas de Sociedade.

Finalmente, expôs o terceiro termo do seu... «trinómio»: — a ASSOCIAÇÃO.

E sob este aspecto, citou, entre outros, Hobes, com a sua concepção de que o Homem é essencialmente mau, Rousseau que considerava o mesmo Homem essencialmente bom e, sobre tal concepção, a de Rousseau, aludiu aos seus «Discours sur l'origine et les fondements de l'inegalité parmi les Hommes».

E por último, referiu, dentro de outras orientações, Platão, Augusto Conte e Léon Duguit, para, a terminar, dar sob este último termo, a sua opinião pessoal, consubstanciada na seguinte passagem da sua conferência: «Na minha concepção, *integramente minha*, o Homem é a entidade prevalente. Simplesmente, o mesmo Homem tem de abdicar, não voluntariamente, não por «contratos», mas necessariamente, de uma ou mais das suas prerrogativas, sempre que o agregado social, a que fatalmente tem de pertencer, NECESSITE, E APEVAS NECESSITE, dessa abdicção».

No final foi muito aplaudido e cumprimentado pela assistência. Felicitamos o sr. Dr. Carlos Picoito pelo seu excelente trabalho.

Maria Cândida de Sousa Marques Picoito

Missa do 30.º Dia

Por alma de Maria Cândida de Sousa Marques Picoito, será celebrada missa na igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira, pelas 11 horas do dia 28 de Janeiro de 1965, mandada dizer por seu marido Quintino Gaço Picoito e sua família, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto.

O Valor da Alfarroba

(Continuação da 1.ª página)

Cooperativa de Lagos que, nesta data, já se encontra preparada para trabalhar num campo que não se confina apenas à fabricação e à comercialização do vinho.

Os lavradores devem copiar os resultados daqueles sectores onde a orientação técnica e económica são bem conduzidos, e tentar reformar os que se encontram mal, pondo de lado ideias derrotistas, sobretudo aquelas que dizem que «a lavoura é a arte de empobrecer alegremente».

Parece ser hoje ideia assente oficialmente que, uma vez em funcionamento a *Cooperativa dos Citrinos do Algarve*, o que se deve verificar dentro em breve, nela será integrada a dos *frutos secos*. Assim se evitarão duplas despesas de administração, técnica e económica. Esta administração, para ser bem conduzida, tem que ser bem esquematizada, bem organizada e bem administrada por pessoas competentes. E os competentes valem sempre dinheiro, quer seja no Algarve, quer seja em Traz-os-Montes que, neste capítulo da Cooperação Agrícola, pode hoje servir de modelo às restantes províncias, como oportunamente diremos.

Vivemos hoje cada vez mais numa época de livre trânsito de produtos e valores internacionais. O GATT, a EFTA e o Mercado Comum são manifestações de que «vai deixar de haver barreiras aduaneiras entre os diferentes países e para alguns produtos; e para determinados produtos os direitos já desapareceram e cada ano que passa novos produtos gozam de idêntico regime».

Portugal aboliu as barreiras aduaneiras entre as várias parcelas do território nacional, constituindo um *mercado comum nacional*. Por isso, é preciso haver uma certa cooperação e maleabilidade de actualização no que respeita ao comércio e transformação dos produtos agrícolas.

Se umas vezes se aconselha que a alfarroba seja vendida apenas triturada, noutras ocasiões, e sobretudo ultimamente, é de desejar que seja industrializada pelo próprio produtor, para que a mais valia que de tal operação resulta não redunde em benefício do industrial ou do estrangeiro, mas principalmente do lavrador que é, afinal, quem corre mais risco com a incerteza e a variação da produção.

Aos lavradores esclarecidos não faltam hoje meios de se orientarem convenientemente, não só através das *Estações Agrárias*, onde técnicos muito competentes prestam serviço, (não esquecendo os competentes Serviços Agronómicos da Companhia União Fabril sempre prestantes), como nos órgãos superiores de investigação e orientação económica, do Instituto Nacional de Investigação Industrial, do Subsecretariado da Indústria, que está especialmente preparado para dizer qual o verdadeiro valor dos produtos agrícolas algarvios.

O que é preciso é que haja actuação conveniente, activa e persistente e, para tanto, contamos com a dos dirigentes da *Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve*, aproveitando a oportunidade para os saudar muito cordialmente.

Agradecimento

A família de Firmínia das Dores Barqueira, agradece reconhecida a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada.

Vendem-se

Oliveiras, árvores fortes e bem enraizadas. Tratar com Joaquim Afonso — Amaro Gonçalves

Dos Livros NECROLOGIA

João Gabriel Alegre

Livros que respirecem

Reimprimido, e muito bem, pela 6.ª vez, a obra de Augusto de Castro, «Fumo do meu cigarro», só há que louvar a iniciativa.

Este livro de novelas, qual delas a mais emotiva, e quase todas com o seu sabor de actualidade mesmo que escritas há muitos anos reflecte, sobremaneira, o espirito excepcionalmente vivo e perspicaz do extraordinário escritor da forma e da beleza que é Augusto de Castro.

Com que graça e que prazer, não foca ele a vida Lisboa, a hora chã do mundanismo, nessa magistral novela «A Hora do pecado» — a vida de hoje, tal como outra, rege-se pe os mesmos figurinos.

Embraga-se com o aroma das «Violetas», usa a linguagem do ídolo, enaltece a sua cor e sensibilidade mas repudia-as como flores inadequadas à irreverente mocidade feminina, ou não fosse ele o prosador todo submisso da beleza juvenil.

Mais algumas páginas de leitura e eis que nos surge o empolgante quadro da gente da ribalta; que profundo exame das almas, dos sentimentos, do amor à arte de Talma. Pois jamais, alguém, teve forças ou vontade soberana para renunciar às palmas, às corbelhas perfumadas de flores as mais lindas e raras, em plena luminosidade dos seus êxitos.

Augusto de Castro, que também teve o veneno do Teatro nas suas veias, pormenoriza com tal realismo a vida íntima dos bastidores que, sinceramente, não podemos discordar dele quando afirma, nessa outra soberana novela «Abandonar o Teatro»: A verdadeira criatura do teatro é incorrigível, como o jogador e só abandona o teatro no dia... em que o teatro a abandona a ela.

«Venezia», «Alhambra», «Papéis Velhos» e muitas outras novelas, todas requintadas de agradável leitura, completam o «Charme» desta obra arquitectada e sonhada com o mesmo calor e voluptuosidade com que o fumo dum cigarro se evola e se perde na atmosfera.

do, e talvez por isso mesmo, maior lugar ao elemento humano. Por outro lado, também a beleza literária nunca é sacrificada. São disso exemplo as novelas aqui reunidas: «O processo do Tântalo», «O lótus de ouro», «Nada de extraordinário», «O cone branco de Aláide» e «Balada das estrelas». Tradução de Alcides Rocha. Editorial Estúdios Cor.

Memed, meu Falcão de Yachar Kemal

Pode-se dizer, sem temor de exagero, que a literatura turca é totalmente desconhecida entre nós. E, contudo o livro de que hoje damos notícia é iniludível sinal dum vitalidade literária rara. Um romance como «Memed, meu Falcão», em que harmoniosamente se reúnem as técnicas ocidentais da narração e o perfume exótico das lendas das «Mil e Uma Noites», representa para nós uma revelação que nos leva a acreditar que o romance não é, afinal, um género morto, ou, melhor dizendo, um género cuja vida se prolonga apenas graças ao prestígio de que um passado brilhante o rodeou.

«Memed, meu Falcão» é, em termos simples, a história de um bandido. Mas esta expressão exige, desde já, um esclarecimento: o protagonista coloca-se sob a alçada da lei por revolta contra a injustiça e a prepotência. As suas armas não servem para ferir o povo, antes o defendem. E contra os senhores da terra e das almas que Memed se levanta. As injustiças que de fora vitima e que o encaiminharam para a luta armada, transfere-as ele para um plano colectivo, já que, parte do povo, é

No passado dia 19 do corrente lá foi a enterrar o mestre João Gabriel Alegre, antigo mestre de obras diplomado, que em vida legou os seus bens à Santa Casa da Misericórdia de Tavira, a treco de amparo na velhice.

Fera sempre um dedicado assinante de nosso Jornal desde o seu primeiro número.

O falecido contava 76 anos de idade e era natural de Santo Estêvão. Paz à sua alma.

D. Maria Otília Eusébio Coelho

Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Maria Otília Eusébio Coelho, de 52 anos, natural de Estoi, Faro, esposa do sr. Vasco Marques Coelho, professor do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, mãe da sr.ª D. Maria Margarida Eusébio Coelho Murta Rebelo esposa do sr. Dr. Fernando Silvestre Murta Rebelo, professor do Colégio Militar, irmã da sr.ª D. Maria Adélia Eusébio da Silva Ferreira, esposa de sr. António Manuel da Silva Ferreira, e do sr. Francisco Vicente Eusébio, esposo da sr.ª D. Maria Celeste Eusébio e tia dos srs. Dr. António Manuel Eusébio da Silva Ferreira e Francisco Manuel Eusébio, oficial da marinha mercante.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

LIVROS ANTIGOS

Novos ou usados, sobre o Algarve, monografias, etc. Compram-se e pagam-se bem.

CASA BRASIL TAVIRA

FÁBRICA DE MOSAICOS LEÃO

Rua da Porta Nova — TAVIRA

Arrenda-se. Aceitam-se propostas.

todo o povo turco que som ele sofre e que com ele se revolta.

Yachar Kemal, o autor desta extraordinária epopeia, teve uma infância e uma juventude difíceis. Exerceu as mais diversas profissões: trabalhador agrícola, mestre-escola, escrevente público, etc. ao mesmo tempo que ia lendo quanto lhe chegava às mãos.

Após uma carreira jornalística brilhante, dedicou-se à literatura. «Memed, meu Falcão» foi publicado em 1955 e teve um acolhimento triunfal. Editado em França sob o patrocínio da UNESCO, foi mais tarde publicado em Inglaterra, U. R. S. S., Bulgária e China. Tradução de Alfredo Amorim. Editorial Estúdios Cor.

5 Novelas de Antecipação Soviéticas

A voga da literatura de ficção científica e de antecipação correponde, por muito que o neguem alguns críticos, em nome de uma falsa hierarquia de géneros, a um interesse e a uma necessidade muito mais gerais do que à primeira vista poderia supor.

Vamos encontrá-la também, talvez inesperadamente para muitos leitores, na União Soviética, onde alguns escritores de excelente nível se dedicam a este género literário. Revelá-los ao público é a finalidade desta antologia, que abrange obras de V. Saparin, M. Grechnov, I. Safranov, A. e B. Strugaski, G. Altov e V. Juravleva.

As novelas de antecipação russas diferem algum tanto das que têm sido escritas por autores ocidentais. Talvez menos imaginativas, mais «didáticas», dão contu-

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

POR CAUSA DOS BEIJOS...

A CHAMOS graça e julgamos oportuno transcrever para apreciação de alguns dos nossos leitores que desconhecem o que se passa por esse mundo fora por causa dos beijos, nas notas fornecidas pelas acreditadas agências «ANI» e «Lusitânia» e uma versos que recebemos a propósito dos mesmos.

Certamente que o beijo dado no autocarro obrigaria o tal «snogómetro» a marcar três...

Eis as notícias:

O teu amor é um snogómetro...

Trowbridge, Inglaterra — (ANI) — Foi descoberta uma máquina capaz de medir a «intensidade da paixão» dos pares ao beijarem-se e tanto os sócios masculinos como os femininos de um clube de Trowbridge, que se submetteram à experiência, acharam-na uma ótima ideia.

A máquina, que foi inventada por um estudante de electrónica, de 16 anos, chamado Pickard, foi baptizada com o nome de «snogómetro», nome extraído de «snogging», que significa beijar.

Pickard explicou o funcionamento da máquina da seguinte maneira: cada par segura as alavancas do «snogómetro» e ao beijarem-se o rapaz e a rapariga, a resistência eléctrica entre os seus corpos é reduzida, a máquina aumenta o número das suas vibrações, acende-se uma luz e aparece num pequeno mostrador uma cifra, que indica a «intensidade da paixão».

A graduação do mostrador val de um a três e embora muitos dos pares tenham atingido a intensidade dois, nenhum até agora marcou três, para o que — afirma o inventor — seria necessário um beijo excepcionalmente apaixonado.

Sacudido por um balanço do autocarro, quase decapou o lábio da namorada

Belo Horizonte — (Lusitânia) — Um simples beijo de namorados, dado num autocarro, além das consequências desastrosas, estabeleceu tal confusão que o motorista do veículo decidiu abandonar o trajecto da carreira a caminho da esquadra.

Sacudido por forte balanço Manuel Alves de Lana, quando beijava sua namorada, Maria Marlene de Jesus, quase cortava o lábio inferior da jovem, a qual não suportando a dor, deu um grito de tal ordem, fazendo supor ao condutor do autocarro que se tratava de um caso de agressão.

Por este motivo o motorista encaminhou o veículo para o posto policial mais próximo, onde o Manuel Lana esclareceu a sua infelicidade, e de onde a jovem, banhada em sangue, seguiu para o Hospital de Pronto Socorro a fim de receber tratamento.

Eis os versos:

Mas que grande confusão
De beijos, que encravação!
Se a coisa pega a valer
Então é que vão ser elas
Nem nos beijos das estrelas
De cinema há que aprender.

Se dão beijos amorosos,
Muito ternos, langorosos,
Que são muito sensuais,
Também os há inocentes,
E inda outros que são ardentes
E ferem como punhais.

Mas também há beijos frios,
Que provocam catafrios
K fazem perder a esperança,
Há outros angelicais,
Muito ternos e leais,
São os beijos de criança.

Os beijos dados à pressa
Em qualquer moça travessa
Fazem perder as «tribeiras»
E há os beijos prolongados,
Sonoros, repenicados,
São os beijos das soneiras.

Fala-se em beijos de Judas
E doutros, de cenas mudas,
Que não há quem os descreva;
Como há beijos inocentes,
Há chochos incipientes
E há quem beije o que não deva.

Há os beijos das casadas,
Quais costeletas panadas
Fofos, plenos de amizade,
E há os que valem dragonas
Dados pelas solteironas
Chelos de electricidade.

Há beijos estilizados,
Ardilosos, prolongados,
Com ressaibos de adultério,
Incandescentes centelhas...
E há também beijos de ovelhas
Com sabor a cemitério.

Se há beijos sentimentais
E quentes de despedida,
Há outros irracionais,
Sem conta peso e medida
Que deixam a boca ferida
E com pontos naturais.

Há outros beijos ainda,
Que duma docura inflada
Té fazem perder a fala...
E elevar o termómetro
Deixe moderno snogómetro
Até rebentar a escala.

Escola Técnica

VISITOU recentemente esta Escola, o sr. Inspector Dr. Fernando Pamplona.

POR despacho ministerial, foi atribuído um prémio ao aluno do 2.º ano de Electromecânica Joaquim José da Conceição, natural de Santa Catarina, o qual teve no ano transacto 15 valores de média em trabalhos de Serralaria.

O Prazo para o pagamento da 2.ª prestação da propina de frequência, decorre de 25 deste mês a 5 de Fevereiro. No ciclo Preparatório, pagam 25\$00 e nos cursos de Electromecânica e de Formação Feminina é de 40\$00. No curso nocturno, por cada disciplina serão pagos 5\$00. O curso de Aprendizagem Agrícola é gratuito.

DE Tavira deslocam-se a S. Marcos da Serra, no próximo dia 30 do corrente, os srs. Directores da Estação Agrária e da Escola Técnica, de Tavira, que irão lá participar nos jurts dos exames finais do curso de Aprendizagem Agrícola, cujos exames decorrem no Algarve, sob a orientação da nossa Escola Técnica.

Grémio da Lavoura de Tavira

Pagamento de avanças à Junta Nacional do Vinho

Levamos ao conhecimento dos membros do Grémio da Lavoura de Tavira, que o pagamento das avanças, que o devem fazer até ao próximo dia 31 de Janeiro de 1965, findo o qual haverá lugar à aplicação de multas no montante de Esc 800\$00.

A Direcção



Santa Catarina

Necrologia — No passado dia 15 faleceu nesta aldeia com 98 anos de idade, a sr.ª D. Isabel Silvéria Vargues. Era mãe das srs.ª D. Maria Silvéria Vargues, regente escolar e D. Isabel Vargues Freire, aposentada dos CTT, e dos srs. Manuel Firmino Vargues e José Vargues, e avó dos srs. José Hilário de Brito, Joaquim Correia Fausto e Justiniano Manuel Correia Vargues, aluno do C. S. M. em Mafra.

A extinta era a pessoa mais velha da freguesia, onde era muito estimada e conhecida.

O «Povo Algarvio» apresenta aos seus familiares sentidas condolências.

RECTIFICAÇÃO

Na notícia que demos sobre oferta de brindes de «A Confidente», por lapso classificámos o nosso prezado assinante sr. João Viegas Falsa, de sócio gerente daquela firma, quando ele é chefe dos serviços da secção de hipotecas. Aqui fica pois feita a devida rectificação.

Federação das Casas do Povo do Distrito de Faro

Na Câmara Municipal de Lagos e com a presença do Delegado do I.N.T.P. em Faro, sr. dr. Ilídio das Neves, teve lugar no passado mês de Dezembro uma reunião destinada ao estudo do problema do enquadramento corporativo do concelho, em matérias de Casas do Povo e na qual tomaram parte o Presidente daquele município, Brigadeiro José António de Almeida Costa Franco e membros de todas as Juntas de Freguesia do concelho.

Reconhecida por todos os presentes a utilidade das Casas do Povo como centros de cooperação social e de auxílio nas freguesias rurais, entendeu-se promover a criação de dois daqueles organismos, um em Odeáxere, abrangendo a zona rural da freguesia de S. Sebastião, outro com sede em Bensafim e integrando Batão de S. João e as zonas rurais da Luz e de Santa Maria.

Pretende-se, deste modo, resolver o problema da situação das freguesias com áreas rurais que, por não terem Casa do Povo, estão impedidas de beneficiar das vantagens e regalias que estes organismos concedem.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Rancho Folclórico de Santo Estêvão

Representantes da imprensa diária e regional, (O Século, Diário da Manhã, Jornal do Algarve e Povo Algarvio) assistiram na passada noite de 16 do corrente, ao ensaio do rancho folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão, precisamente na ante-véspera da sua exibição para os representantes da imprensa estrangeira no hotel Vasco da Gama, em Monte Gordo, tal a expansão e o progresso que está a verificar-se no referido grupo.

Convidados pelo sr. Ventura Fernandes Marques, director do famoso rancho folclórico, lá fomos e, por especial atenção para conosco, quis ele que a primeira parte do ensaio se realizasse tal como decorreu a exibição no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, onde o seu rancho alcançou recentemente um dos mais honrosos lugares, como é já do conhecimento dos nossos prezados leitores.

Iniciou-se então o ensaio. O primeiro número foi o corridinho «Santo Estêvão em festa»; logo um dos pares surgiu numa interessante escovinha, a este outros seguiram em intervalos de alguns segundos apenas até se completar o total de pares do valoroso grupo, todos dançando o corridinho com aquela arte e beleza que só grupos desta categoria o podem realizar.

Em seguida, «O marcadinho ou baile rasteiro», número de características bem regionais e que se integra perfeitamente no folclore da nossa terra. O terceiro número foi o «Balso pulado», bem tradicional nesta região e de grande valor coreográfico, dado o brilho que o seu ensalador lhe soube imprimir. Seguiu-se então em quarto lugar o corridinho dos «Quatro cantinhos», um dos números que maior sucesso tem alcançado não só no país como no estrangeiro. «Baile mandado» foi o quinto número com que o simpático grupo nos deliciau. E, finalmente, a encerrar a primeira parte da sua exibição, o rancho da Casa do Povo de Santo Estêvão apresentou-nos em sexto lugar o formidável corridinho «Requintes da Nossa Terra».

Após o intervalo foi-nos apresentado ainda um vasto repertório de números, todos de transbordar de alegria e de beleza inextinguível inspirados somente no folclore desta terra tão portuguesa. Reconhecidos ao sr. Ventura Fernandes Marques pela afabilidade do seu convite, logo pensamos em exprimir ao digníssimo director do simpático grupo e seus componentes, através destas modestas linhas, os nossos sentimentos de gratidão e de verdadeiro reconhecimento.

Bem haja portanto!
José dos Santos Cavaco

Informações Fiscais

Contribuição Industrial — Grupos A e B — Até 31 deste mês, verifica-se o pagamento da liquidação provisória dos contribuintes destes 2 grupos. Se a importância do conhecimento exceder 200\$00, será paga em 2 prestações. A 1.ª em Janeiro e a 2.ª em Julho.

Prédios arrendados — Todos os contribuintes que tenham prédios urbanos arrendados, quer tenha havido ou não durante o ano transacto aumento de renda ou alteração no arrendamento, deverão apresentar até 31 do corrente, na Repartição de Finanças da área da edificação, em separado, por cada prédio, declaração modelo 130, em duplicado. A falta desta obrigação fiscal sujeita o contribuinte a multa, que nunca será inferior a 100\$.

Contribuição Predial — O pagamento da contribuição predial será efectuado de uma só vez quando inferior a 200\$00, vencendo-se em Janeiro, Fevereiro e Março (estes 2 últimos meses com juros de mora).

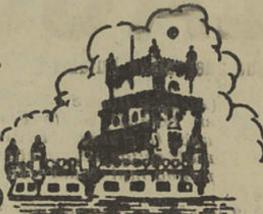
Imposto profissional — Também até 31 de Janeiro deverão ser apresentadas declarações m. 1, em duplicado, na Repartição de Finanças do concelho ou bairro da área do domicílio. Esta obrigação compete a todos os empregados que auferam mais de 18.000\$00 e aos contribuintes que exerçam actividades por conta própria indicadas na tabela anexa ao respectivo código.

Imposto de Trânsito — A sua renovação termina no fim deste mês incluindo os títulos de isenção.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Montepio

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO



PORQUÊ... MENOS CASAMENTOS?

Em conversa com um amigo que trabalha nos Serviços de Estatística, ficamos a saber que o número de casamentos em Lisboa, neste ano agora findo, foi consideravelmente inferior ao que se verificou em 1963...

E dizia ele: A estatística é impressionante! Nos últimos cinco anos... 35% menos de casórios, ou seja, uma considerável greve dos Solteiros, capaz de lançar o pânico no seio das chamadas «meninas casadoiras»... que já passaram da idade «regulamentar»!

Quando lhe perguntamos as razões do facto, respondemos: — Bem... os motivos são tantos e tão ponderáveis que quase mereciam um tratado!

E nós ficamos a magiar: Só os bem casados e os felizes poderiam emitir juízos sobre o problema. Vamos, portanto, analisar o assunto!

A opinião dos frustrados na vida conjugal dificilmente viria isenta de amarguras e queixumes, limpa das nódoas da sua incompreendida convivência. Por isso tentaremos ser imparciais.

A verdade é que os rapazes desta Lisboa estão — pelos vistos — fugindo ao casamento como o Diabo foge da Cruz! Tudo serve de desculpa para se escaparem aos compromissos tomados quando o namoro já se arrasta há muito tempo. Agora, até a alegação de que sofrem dum «enfarte» tem valido a certos namorados diante da hipótese de um casório discretamente sugerido pela «suplicante».

O custo de vida, a redução do valor — modesto — das rendas de casa na Capital, têm que influir grandemente, nas causas do «decréscimo» anunciado. Mas não devem ser fundamentais estas «razões»! O exemplo dos casados, esse sim, deve ter afastado muito bom moço do caminho conjugal! A juventude está vendo que a grande maioria dos que se casam nesta cidade das sete colinas, não levam a verdadeira vida de casados. Então, para quê casar?

A criação de um lar, da vida em família, onde os filhos não pareçam um estorvo, mas bênçãos e alegrias, tudo isto tem ficado um pouco fora de uso! Os jovens casais da actualidade divertem-se com outros jovens casais, e é natural que se divirtam como nos conta nos seus romances a popular escritora francesa Françoise Sagan, ou seja, com todas as liberdades da moral do tipo «nouvelle vague».

O rapaz solteiro olha aqui-

lo de longe e deve pensar lá com os seus botões, trepidantes, do ritmo do «chá-chá-chá»: — Assim como vou... vou bem!.

E vai mesmo! Porque quanto mais se modernizam os costumes, mais vantagens leva o «possível noivo» perfeito na sua singularidade, isento da inatingível na sua reputação (se souber trabalhar bem)!

As raparigas casadoiras, hoje encontram rivais permanentes e terríveis dentro do seu próprio meio... São aves da mesma plumagem que, no entanto, sabem voar melhor e oferecem o próprio ninho, quando se trata de ganhar a competição! Mas estamos convencidos que muitas raparigas que assim procedem aderem ao «ritmo moderno», pelo desespero de ficarem para trás!

Por outro lado a rapaziada actual, moderna, parece estar descobrindo que o casamento não é o melhor meio de resolver a ânsia de uma paixão aguda, antes a oficialização de uma boa camaradagem. Mais vale, para um casamento feliz, que os dois se apreciem como excelentes companheiros do que como homem e mulher. Esta será uma verdade talvez difícil de ser demonstrada a um casal jovem atordado apenas por um desejo epidérmico. Mas, parece que a verdade se tem demonstrado por outros meios, através da própria experiência de alguns jovens namorados de hoje, que muito cedo, (e por mais que muitos Pais insistam em pensar o contrário) se tornam amantes.

As liberdades da «nova moral» — e lembrem-se, as actuais avós que lerem esta Crónica, que as antigas não faziam um terço do que as avós de hoje costumam fazer — as facilidades da época actual, transformaram o casamento numa instituição que apenas é útil à legitimação dos filhos.

Parece-nos absolutamente necessária uma campanha de gente honesta no sentido da revalorização do casamento, não só nesta cidade do Tejo como no País inteiro. E os pais que se preocupem — e ocupem — também dos seus filhos, recém-casados, pois muitas vezes é depois do casamento... que as coisas começam a tornar-se mais difíceis...

Quanto aos solteiros não devemos aconselhar que se casem sumariamente, mas que se casem, se possível, longe das «boites»!

Assinalo «Povo Algarvio»

Manuel António Feliciano

Telefs. 67 (armazém) e 72

Cevadeiras — VILA NOVA DE CA CELA

Produtos para a Agricultura

Adubos diversos	Rações para Gado	Oleos e Massas
Insecticidas	Produtos Vitaminados	Desperdícios
Fungicidas	Cereais	Correias para Motores
Herbicidas	Sementes diversas	Detergentes Industriais
Pulverizadores Manuais e Motorizados	Seguros Agrícolas	
Arvores de Fruto	Milhos Híbridos	

AGENTE DE:

Botelho, Mourão, & C.ª Ld.ª — LISBOA
Viveiros do Falcão, Ld.ª — LISBOA
Soc. Hormonas Vegetais, Aguiar, Ld.ª — VALA DO CARREGADO

VENDEMOS QUALIDADE — GARANTIMOS QUALIDADE